



Porto da entrada do Havre

O Havre apenas conta pouco mais de tres seculos de existencia. Reconhece-se facilmente, quasi ao primeiro exame, que o seu solo foi ha pouco conquistado ás aguas; e por isso o terreno é assás fertil e são abundantes as colheitas que d'elle se tiram.

Foi no reinado de Luiz XII que se traçaram as primeiras bases do projecto de construcção da cidade do Havre, mas só no reinado de Francisco I teve execução, sendo encarregado o almirante francez, Mr. Bonnivet, de visitar aquellas paragens, sendo escolhida para fundar a cidade, a pequena lingua de terra, que então existia com algumas cabanas de pescadores. Imagine-se que de trabalhos não foram necessarios para disputar ao oceano o solo sobre que assentaram as construcções, que duas vezes o mar furioso ameaçou submergir.

A primeira pedra fôra assente em 1516. Onze annos depois, n'uma noite tempestuosa, encapeladas vagas cobriram completamente a cidade e arrastaram um grande numero de pessoas, e tal foi a elevação das aguas que muitos barcos de pescadores foram impellidos até junto do castello de Gravelle. Mais tarde uma segunda innundação quasi que destruiu o Havre, e os seus intrepidos habitantes recommçaram e concluíram os trabalhos de reconstrucção sob a protecção de Nossa Senhora da Graça. Foi devido a este sentimento religioso que adoptaram o nome de «Havre da Graça», que tem conservado até hoje.

Em 1544 já o porto do Havre podia abrigar nas suas enseadas frotas consideraveis.

Os successores de Francisco I promoveram e animaram consideravelmente o desenvolvimento da cidade do Havre, que se tornou uma das praças mais importantes da França.

A cidade não tem bellezas em construcções; mas as suas casas são de boa apparencia e os seus estabelecimentos não são menos luxuosos que os de Paris.

O Havre foi theatro da lucta que se travou por causa do socorro prestado aos protestantes pela rainha Elisabeth, instalando-se ali o famoso Warwick com seis mil homens, que a armada real forçou a capitular, depois de uma sanguinolenta resistencia; e foi na fortaleza, mandada construir para pôr a cidade ao abrigo de invasão estrangeira ou ataque dos partidos, que então agitavam a França, fortaleza que mais tarde o cardeal Richelieu fez demolir e reconstruir a expensas suas, que foram encerrados os principes de Condé e de Conti, e o duque de Longueville, seu cunhado.

Não cabe no limitado espaço de que dispomos, dar mais minuciosas noticias sobre esta cidade e dos acontecimentos que ali teem tido lugar; por isso nos restringimos a dizer que o porto do Havre, representado pela gravura, está sempre repleto de embarcações, que de todas as partes do mundo ali vão fazer o seu commercio.

#### ENGUAS SAINDO DE UM POÇO ARTESIANO

Todos sabem o que são os poços artesianos e as numerosas vantagens que d'elles tem tirado a França ha alguns annos. Conhecidos na Chi-

na desde tempo immemorial, empregados no Artois ha muitos seculos, têm, n'estes ultimos tempos alimentado um grande numero de cidades e fabricas importantes de França. Este poço, cujo diametro é apenas de algumas pollegadas, não são mais que tubos de comunicação que se estabelecem entre as primeiras camadas da terra e os jactos d'agua ou mesmo correntes que existem nas suas profundidades. As aguas vindas de algum ponto mais elevado áquelles em que os poços são abertos, tendem a subir, tanto mais que a isso são impellidas pelas que lhes succedem vindas das mesmas fontes. É isto unicamente o effeito do equilibrio dos liquidos. Uma circumstancia recente vem confirmar esta explicação já antiga, e por assim dizer popular, dos poços artesianos: tendo-se aberto um d'estes poços em Elbeuf, e tendo o furo, por fortuna, encontrado uma cascata d'agua favoravel no interior da terra, saiu em repucho pelo orificio aberto trazendo comsigo duas pequenas enguias. Já em Tours se tinha observado a saída abundante de sementes e folhas de um poço artesiano. Como conceber o transporte d'estes animaes e d'estes fragmentos de plantas, a não ser que uma corrente d'agua os arrebatasse da sua nascente e entranhando-os no seio da terra os impellisse depois ao orificio do poço?

## CREDITO À PEQUENA INDUSTRIA

(Bancos populares)

Longe vae já o tempo em que o socialismo se propunha remediar os males da sociedade por meio de suas chimericas panaceias. As theorias mais ou menos engenhosas, ou mais ou menos absurdas de St. Simon, Owen, e Feurier, caíram em completo olvido, e arrefeceu o zelo entusiasta dos seus proselytos.

Porém, se ha já pouco quem creia nas utopias socialistas, ha ainda muito quem pense que não ha na sociedade melhoramento possivel sem a intervenção dos governos. Aos socialistas succederam os intervencionistas. Estes não toleram que a sociedade dê um passo sem ir encostada ás moletas do governo, e, prostrando-se diante d'elle de mãos postas, exclamam como os Egypcios diante do ministro de Pharaó: «*Salus nostra in manu tua est!*» Este preconceito retrogrado, hoje quasi abandonado n'algumas nações cultas, parece ter ainda grande numero de sectarios no nosso paiz, onde nada se faz sem iniciativa official, e onde todos cruzam os braços á espera que dos governos lhes chova o maná providencial. Entre nós o espirito de associação não existe, ou, se existe, acha-se por ora n'um estado rudimentar, que denota um grande atrazo e uma profunda apathia social.

Alóra algumas raras associações de socorro mutuo e caixas economicas, e essas mesmo só em duas ou tres cidades mais importantes do reino, nada mais temos. Faltam-nos as bellas instituições que admiramos lá fóra e cujos effeitos nos maravilham; falta-nos a associação propriamente industrial, a associação cooperativa para o trabalho e para o credito, pela qual se manifesta em toda

a sua belleza e excellencia o principio fecundo da solidariedade, e da qual depende em grande parte a solução do problema vital e importantissimo da emancipação das classes laboriosas.

Pelo que respeita ao credito, que principalmente nos occupa, quem ha ahí que desconheça a sua poderosa influencia no desenvolvimento da industria? Repetir os beneficios do credito seria repisar idéas que andam hoje no espirito de todos; apregoar a sua necessidade para o progresso de todas as industrias, seria tarefa completamente ociosa.

As grandes empresas industriaes encontram nos Bancos ordinarios os avultadissimos capitales necessarios á sua sustentação e incremento. Porém não é só productivo e fecundo o trabalho das grandes officinas. O trabalho modesto do pequeno industrial tambem é esforço productivo, tambem é elemento de prosperidade, tambem tem direito a encontrar na sociedade as condições da sua existencia e desinvolvimento, a partilhar os beneficios effeitos do credito.

Será por ventura que a necessidade d'este, apenas se faça sentir nas altas regiões da industria? Ninguem por certo o dirá. O pequeno productor carece de comprar materias primas para o exercicio da sua industria, e comprando-as em maiores porções saem-lhe mais em conta; carece de comprar utensilios, instrumentos e machinas para o aperfeçoamento do seu trabalho; aspira a dilatar a esphera das suas empresas; se é operario quer tambem um dia instituir-se empresario, e precisa por isso de montar o seu modesto estabelecimento; tem, n'uma palavra, um sem numero de necessidades e legitimas aspirações a que só o credito poderá satisfazer. Mas como obter o credito? Irá elle procural-o aos grandes estabelecimentos bancarios? Seria uma loucura. As quantias que as suas forças lhe permitem demandar, diminuitissimas em relação aos grandes capitales com que giram estes estabelecimentos, seriam parcellas minimas que se perderiam, como átomos, no meio das verbas immensas que em seus livros avultam. Para o operario, para o pequeno industrial os Bancos são como se não foram. Irá elle então procurar directamente o capitalista? Seria cair desgraçadamente nas garras da agiotagem; ser-lhe-hiam exigidos penhores valiosos que elle não possui, ou, para supprir a falta de garantia real, juros exorbitantes que elle não poderia pagar. Deverá por tanto a pequena industria ser eternamente condemnada a definhar-se e morrer á mingua de credito, elemento vivificador por excellencia? Não; o problema está felizmente resolvido. Da sabia Allemanha partio a iniciativa dos Bancos populares ou de emprestimos. Agora só compete ás outras nações seguir-lhe o exemplo, como já o está fazendo a França, como é urgente que nós o façamos tambem.

No anno de 1850 um homem verdadeiramente amigo do povo, apostolo fervoroso da emancipação das classes desfavorecidas da sociedade, e vo-

tado d'alma e coração a essa causa nobre e sympathica, emprehendia, n'uma pequena cidade da Allemanha, a fundação d'uma sociedade, composta d'um limitado numero de artistas, operarios e pequenos commerciantes, com o fim de obterem pela força da garantia solidaria de todos, o credito, que isoladamente lhes era inaccessivel.

O nome d'esse homem, hoje conhecido e respeitado em toda a Allemanha e fóra d'ella, é Schulze-Delitzsch. A sua associação fundou-se e prosperou, e elle, animado pelo exito feliz da sua obra, consagrou desde logo a sua existencia a uma verdadeira e activa propaganda em favor da joven e auspiciosa instituição, filha dos seus estudos e desvelos.

Não foram baldados os seus esforços; a instituição ganhou sympathias; de anno para anno tomava rapido incremento, e dentro em pouco achava-se propagada por toda a Allemanha. Eis a origem dos Bancos populares, cuja existencia e propagação é devida á dedicação d'um d'esses rarissimos homens, que, possuidos d'um verdadeiro amor pelas classes laboriosas, não se limitam a essas vãs declamações, que hoje por toda a parte se fazem para armar á popularidade; e ostentar uma falsa democracia, mas trabalham com fervor desinteressado, e não se poupam a fadigas e sacrificios para fazer triumphar uma idéa humanitaria e civilisadora.

Estes são os verdadeiros amigos do povo, os obreiros do progresso, os benemeritos da humanidade. A propaganda de M. Schulze tinha principalmente em vista fazer ver ao operario e ao artista que o melhoramento da sua sorte está em suas proprias mãos, que a sua emancipação não depende das graças do governo, nem da esmola dos abastados, nem das falsas theorias dos utopistas, mas sim das suas proprias virtudes, da sua moralidade, diligencia e economia, fecundadas pela associação livre e pela solidariedade em que ella assenta.

Honra ao homem que soube catechisar as classes trabalhadoras, diz M. Batbie, sem se dirigir ás suas paixões, inspirar-lhes confiança sem as lisongear, e attrahir-as a si, fallando-lhes a linguagem austera da economia.

No artigo seguinte apresentaremos aos leitores uma idéa succinta da organização dos Bancos populares, bem como tambem alguns dados estatisticos por onde se patenteiam os beneficos resultados d'esta instituição, e o desenvolvimento que ella tem adquirido nos ultimos tempos. (Continúa)

Coimbra

A. X. DE SOUSA CORDEIRO.

## UMA VELHA DE VINTE ANNOS

(Continuado de pag. 24)

### V

É bella, imponente e austera a entrada humilde d'aquelle mosteiro, perdido na solidão. N'um vestibulo, adornado de cortiça, abre-se a entrada principal, onde um bom retabulo de tamanho natural, emoldurado de cortiça tambem, representa

um frade com o dedo sobre os labios a impor silencio; é o guarda d'aquelle silencioso recinto: segue uma cruz, em cuja base está uma caveira e alguns ossos que pertenceram a um ente da especie humana, e depois estendem-se em quadrado os claustos, cujo pavimento é feito pelas lousas mortuarias dos antigos habitantes d'aquella casa. Em torno do corredor ha as cellasinhas, tendo por leito um catre de cortiça, por cabeceira um travesseiro da mesma substancia e por unico atavio uma cruz de cortiça tambem. No centro está a egreja risonha, alegre e poetica, entre tanta austeridade e tristeza, a egreja onde a alma se sente bem, onde o espirito procura a Deus com confiança e com amor, e onde enfim a arte contempla enlevada tres bustos da Virgem dolorosa, da Magdalena e de S. Pedro, como tres verdadeiros primores.

Entrados para a cella, que estavamos occupando por concessão graciosa do ultimo dos habitantes do mosteiro, — um velhinho oitogenario, que todos os dias celebrava os divinos officios, com a unção religiosa que tem a velhice, por estar como que mais perto de Deus; — o meu amigo proseguir na sua narrativa.

— Tinha-me habituado a amar aquella mulher como irmã, queria-lhe muito, mas parecia-me um crime querer-lhe de outro modo que não fôsse com amor fraternal. Vivia contente assim. Um dia, e é esse a que se refere a data que viste na arvore, encontrámo-nos alli. O que um ao outro dissemos não sei... o desvairamento que me tomou os sentidos não t'o posso explicar, o que sei, meu amigo, é que as nossas mãos encontraram-se e eu beijei as d'ella repetidas vezes... Duas horas de doce enlevo que passaram, fechando comsigo o cyclo da minha felicidade! Maria disse-me coisas que não me esquecerão mais... não como affagando-me a vaidade, que fôra demasiada pretensão em mim, mas como acariciando-me o coração. Foi lisongeira, boa, generosa em delicadezas d'estas que sensibilizam a alma, tanto mais quanto mais espontaneas parecem. Mas depois, e como que tomada de subito arrependimento, disse-me que era mister esquecer o devaneio de um momento e volver de novo ás frias apparencias que nos distanceavam um do outro. Curvei-me e prometti obedecer-lhe. Sabes, meu amigo, que quando me affeioo de veras sou como o cãozinho fiel que obedece aos acenos do dono, sem ter vontade minha, nem deliberações proprias! Depois sentia-me atordoado... com se a intelligencia me houvesse soffrido um grande abalo. Achava-me pequeno e mesquinho ao pé d'aquella mulher e sentia-me grande e cheio de commiserção ao pé dos outros homens que não tinham gosado de tal felicidade. Separei-me d'ella sem desejar nada, contente com o muito que ella me havia dado em tão pouco que me concedera, e perguntando a Deus porque me reservava tão grande dita! Olha que amava de veras!

— Isso estou eu vendo, agora mesmo, e para te retribuir a citação de Bocage, de ainda ha pouco, offereço-te outra, se bem me lembro, do mesmo auctor, e que julgo servirá para o caso.

Se a amar-te sou obrigado,  
Não é culpa minha, é fado.

— Tu imaginas nada mais meigo e carinhoso

do que a mulher bondosa, quando mostra afeição? Nada lhe esquece para captivar! Em cada passo da nossa vida encontramos um delicioso vestígio d'ella.

— Mas a que vem isso agora?

— E que foi ella quem no dia seguinte, pela propria mão, gravou a data memoravel na casca da arvore.

— Então estima-te realmente? perguntei eu com tanta duvida como se fôsse o caso comigo proprio e fizesse a pergunta á minha consciencia.

— Não estima! respondeu Manoel com desalento. Desde então tem cauterisado com um estylete em braza a afeição que quer desabrochar, tem-me torturado a título de me curar!.

— E tu?

— Eu ouço resignado os mais diabolicos golpes, que voz d'anjo pôde vibrar com uma indiferença e uma serenidade aterradora. Não ha fibra no coração, que me não rasgue, dizendo depois que ha de forçar-me a esquecer-a... a considerá-la como todas as outras mulheres, uma decepção baptisada com o nome convencional, uma mentira trajando vestes femininas.

— Pobre do homem que der o amor a essa mulher, a quem Deus enflorára de creanças que o mundo lhe murchou, e que hoje duvida de tudo.

— Então pobre de mim! Mas vê tu! Eu vivia resignado e quasi satisfeito como irmão de Maria. Serei seu irmão outra vez. Assistirei a todas as suas magoas e a todos os seus prazeres, e gosarei ou soffrerei com elles. Tenho o coração bem habituado ao soffrimento para saber guardar n'elle, como em impenetravel sanctuario, esta minha afeição. Se fôsse mais fogoso este sentimento, fugia para longe d'ella para a esquecer; mas estes affectos brandos e suaves como o que eu lhe consagro não os esmorece a ausencia, antes mais os radica e robustece.

— E não se encontram habitualmente?

— Aqui em tempo de banhos; nos mezes de inverno nas reuniões de Coimbra que ella costuma frequentar, e fóra d'estas duas estações; algum dia que me atrevo a ir visitá-la á sua casa de Mortagoa.

A nuvem, que um pouco encobria a transparencia do céu, havia-se dissipado e o sol brilhava de novo radiante, convertendo em diamantes fundidos as gotas d'agoa que a ramagem do arvoredo chorava.

Vamos a sair novamente quando no atrio do convento deparámos com Maria e a sympathica velhinha, que conhecemos desde a vespera.

A respeitavel senhora, com os fatos um pouco humidos pela chuva, com um grande fardo de baixo do braço, com algumas flores silvestres na outra mão, cantarolava com uma voz argentina e meiga uma canção franceza, que dizia assim:

*Que faut-il à ma vieillesse?  
Du soleil et quelques fleurs!  
Et dan, dan, dan,  
Et donnons la richesse,  
Et dan, dan, dan,  
Et gardons le bon cœur!*

Maria, após ella, com uma arregaçada tambem no avental, ria da canção e do prazer que se espantava ao fagueiro raio do sol n'aquelle cora-

ção, que oitenta invernos não haviam regelado ainda.

— Foi hoje magnifica a colheita, disse D. Perpetua, atirando o seu fardo ao meio do chão. O peor foi apanharmos a chuva, apesar de nos termos abrigado na capellinha perdida de S. João. Que isto não é cá por minha causa, é por amor da minha querida Maria: não são choveiros que fazem mal ás arvores velhas... agora ás vergontas mimosas!... Estás molhada, Maria.

— Não, minha senhora, replicou a menina com toda a meiguice da sua voz, depondo sobre o fardo a sua arregaçada de verde musgo.

— Então? vamos! não te lembras já do nosso ajuste de me chamares mamã? Achas-me muito velha para ser tua mãe... n'esse caso chama-me avósinha.

— Tenho sido orphã, minha mamã, volveu D. Maria, com a mais natural simplicidade, e os labios não se costam facilmente a um nome, a que o coração não estava costumado.

— Bem respondido! minha filha! Olha a tua velhinha, quando tiver secco seu musgo, para fazer um colchão macio e fresco, nem um só dia ha de esquecer, ao deitar-se, do anjo que lh'o ajudou a roubar ás arvores e aos muros d'esta mata.

— Obrigada, minha mamã!

— Não quero que agradeças. Eu sympathisei contigo desde o anno passado. Os velhos gostam das creanças; a tua alegria e o teu amor da liberdade faz-te semelhante a uma avesinha do céu que gorgeia sempre e voa sem cessar. A tua modestia e meiguice faz-te parecer uma flor que se expande em perfumes.

Maria tomou nos braços a velhinha e beijou-a na fronte rugosa, adornada de madeixas brancas de neve, com tanto respeito e afeição como se fóra effectivamente sua mãe.

— E nós que não reparavamos n'estes senhores! Bons dias! Vae de novo alegre o céu e convida a passear.

Nós saudámos a estimavel senhora e a encantadora menina, e a conversação seguiu tão intima e despretenciosa, como se fôsse entre antigos conhecidos.

Aquellas duas almas pareciam irmãs; distanciavam-as os annos, ligavam-as a bondade e a franqueza; eram dois troncos da mesma arvore, um rugoso mas vecejante ainda, outro mais tenro e mais rico de seiva e de vida. Era um quadro lindo o que formavam as cabeças d'aquellas duas mulheres, uma recordando o berço, outra lembrando a campa; uma, anjo que acabava de descer do céu á terra, outra, anjo tambem prestes a voar da terra ao céu.

Dentro em pouco divagavamos todos quatro pelas ruas da mata, entre os cedros gigantes e choupos seculares, ajudando todos D. Perpetua no empenho de colher o mais fino musgo, para com elle fazer um macio colchão.

(Continúa)

C. B.

## A RODA E AS FLORES

Os sacerdotes egypcios apresentavam a todos os que entravam nos seus templos uma roda, que faziam rodar rapidamente, e um ramo de flores. A roda era o symbolo da inconstancia das coisas humanas, e as flores recordavam quanto é ephemera a duração da vida.



Pastor do Ober-Hasli. Vista do Weter-Horne, tomada da aldeia de Grinderwald.

Debaixo do ponto de vista pittoresco, o cantão de Berne avantajase comparado com outros cantões da Suíça. A parte do seu territorio chamado *Hasli*, que se divide em *Hasli superior (Ober-Hasli)*, e baixo *Hasli*, offerece um bello contraste entre tudo o que um paiz de montanhas, póde apresentar de sublimes horrores, e o que uma graciosa paisagem póde encerrar de encantadores detalhes. Parece, disse um viajante, que nas gargantas selvagens do *Ober-Hasli*, a natureza devia ter expirado nas mais horriveis convulsões. Rochas enormes, inclinadas umas sobre outras, parecem tocar as nuvens. O *Aar*, que rugé até ao fundo dos abysmos d'estas cavernas, faz ali ouvir um tão forte ruido, que o *Duranço*, ainda nos pontos aonde é mais caudaloso, póde considerar-se manso e pacifico. Tres vezes se passa o *Aar* sobre pontes desprovidas de amparo, e tão estreitas, tão elevadas, que a famosa *Ponte do Diabo* podia chamar-se, por comparação, a ponte dos anjos.

A nossa gravura representa o pastor do *Ober-Hasli*. A trompa, que elle tem na mão, serve-lhe para reunir o seu rebanho, que distingue perfeitamente o som d'este agreste instrumento do dos outros pastores. Ha alguns homens no *Ober-Hasli* que sabem tirar d'aquelle tubo grosseiramente trabalhado modulações que não são destituidas de graça. Quantas vezes o viajante é surprehen-

dido pela pittoresca melodia d'estes artistas discipulos da natureza!

A mesma gravura apresenta uma vista longinqua do Weter-Horn, tomada da aldeia de Grinderwald.

Os cimos d'estas elevadissimas rochas tem sido visitados por alguns ousados viajantes. O espectáculo que d'ali se gosa é magestoso, é imponente; comtudo não compensa os perigos de tão arriscada ascensão.

#### UM AUTOGRAPHO DE BONAPARTE

Não são raros os exemplos de completa ignorancia, ainda das mais simples regras de orthographia, ignorancia que se manifesta em muitos homens eminentes. Aqui transcrevemos uma curiosa carta, que Bonaparte escreveu sendo ainda official d'artilheria:

«Je vous *pirai* de m'envoyer les deux derniers volumes de *l'Histoire* de la révolution de Corse, par l'abbé Germanès. Je vous serais obligé de me donner note des ouvrages que vous avez sur l'isle de Corse, ou que vous *pouriez* me procurer promptement.

«*J'entent* votre réponse pour envoyer l'argent à quoi cela montera.

«Vous *pourez* adresser votre lettre:

«A monsieur de Buonaparte, officier d'artillerie au régiment de La Fère, en garnison à Valence en Dauphiné.

«Je suis, monsieur, avec une parfaite considération.

«Votre très-humble et très-obéissant, etc., etc.

«Buonaparte,  
«Officier d'artillerie.»

## O GENIO POETICO DE CAMÕES REVELADO NAS PRODUÇÕES ESTRANHAS AOS «LUSIADAS»

Odes

Continuando a seguir o systema que adoptei nos artigos antecedentes, ouvirei um critico estrangeiro, de fino gosto, e os dois nacionaes que nos mesmos artigos apontei.

O meu intento não é tratar ex professo o assumpto, pois que para tão elevada tarefa me faltam os predicados; eu só me proponho a incitar os curiosos á leitura das produções diversas do nosso poeta, e a indicar os pontos mais importantes do estudo das mesmas, taes como a critica os apresenta.

— O critico estrangeiro, Sismondi, pouco diz a respeito das odes de Camões (doze, em numero), e nem sequer uma citação faz d'este genero de poesia.

Limita-se a observar que tambem Camões compoz umas dez ou doze *Odes* (cantos lyricos na fórma classica, em contraposição das *Canções*, cantos lyricos em fórma romantica), umas mythologicas, e outras, em maior numero, destinadas a cantar o amor. As estrophes são curtas, compõem-se de 5, 6 ou 7 versos; mas estes são harmoniosos e cheios de inspiração.

Faz menção especial da Ode relativa ao celebre naturalista Garcia de Orta, a favor do qual intercede Camões perante o vice-rei da India. Sismondi aproveita esta occasião para louvar o nobre desinteresse e honrada isenção do poeta, nos escriptos do qual não se encontra um só vestigio de venalidade, nem de adulação.

Pois que se trata de um famoso naturalista portuguez, que em 1534 passou á India, e ali por muitos annos exerceu a medicina, e se applicou incansavel ao estudo da botanica, — não nos soffre o animo deixar em esquecimento a Ode que o immortal Camões endereçou ao conde de Redondo, D. Francisco:

.....  
Favorecei a antiga  
Sciencia que já Achilles estimou;  
Olhae que vos obriga  
O vêr qu'em vosso tempo rebentou  
O fructo daquell'Orta onde florecem  
Plantas novas, que os doctos não conhecem.  
Olhae qu'em vossos annos  
Huma Orta produce varias hervas  
Nos campos Indianos,  
As quaes aquellas doctas e protervas,  
Medêa e Circe, nunca conhecêrão,  
Posto que a lei da Magica excedêrão.  
E vêde carregado  
D'annos e traz a vária experiencia (1)  
Hum velho, qu'ensinado  
Das Gangeticas Musas na sciencia

(1) Parece preferivel a variante do ms. do sr. visconde de Juro-  
menha:

*D'annos, letras e varia experiencia.*

Podaliria subtil, e arte sylvestre,  
Vence ao velho Chiron, d'Achilles mestre.

O qual está pedindo  
Vosso favor e amparo ao grão volume,  
Qu'impreso á luz sahindo,  
Dará da Medicina hum vivo lume;  
E descobrir-nos-ha segredos certos,  
A todos os Antiguos encobertos,  
Assi que não podeis  
Negar a que vos pede benigna aura:  
Que se muito valeis  
Na sanguinosa guerra Turca e Maura,  
Ajudae quem ajuda contra a morte;  
E sereis semelhantes ao Grego forte.

O grão volume, que o incomparavel Camões desejava ver impreso, era nada menos que o precioso livro intitulado:

*Coloquios dos simplicis e drogas e cousas medicinaes da India e assi de algumas frutas achadas nella onde se tratam algumas cousas tocantes a medicina pratica, e outras cousas boas, pera saber cõpostos pello Doutor Garcia d'orta...*

Este livro, que é hoje uma preciosidade bibliographica, foi effectivamente impreso em Goa no anno de 1563, e é uma obra estimavel em subido grão. (2)

É sobremaneira grato vêr enlaçado o nome immortal do cantor sublime das glorias portuguezas com o de um naturalista da mesma nação, o qual, nas regiões do Oriente, onde ambos se encontraram, fez serviços á humanidade e á sciencia, e grangeou imperecivel nomeada.

— Camões traduzio, na Ode 9.<sup>a</sup>, e imitou, na 12.<sup>a</sup>, o Lyrico Romano. Não ficou por certo vencedor nessa pelega; mas, como engenhosamente diz o bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, «em rasão da victoria de Achilles, não fica o esforço de Heitor menos conceituado.»

A primeira das mencionadas Odes começa assim:

Fogem as neves frias  
Dos altos montes quando reverdecem  
As arvores sombrias;  
As verdes hervas crecem  
E o prado ameno de mil côres tecem.

Não posso resistir á tentação de citar a seguinte estrophe, tão melancolicamente philosophica:

Porque, emfim, tudo passa;  
Não sabe o tempo ter firmeza em nada;  
E a nossa vida escassa  
Foge tão apressada,  
Que quando se começa he acabada.

A segunda das indicadas Odes rompe dest'arte:

Já a calma nos deixou  
Sem flores as ribeiras deleitosas;  
Já de todo seccou  
Candidos lirios, rubicundas rosas:  
Fogem do grave ardor os passarinhos  
Para o sombrio amparo de seus ninhos.

Uma só mais das restantes estrophes desta Ode reproduzirei aqui, afim de que os leitores admirem a facilidade com que o poeta pinta o remanso da natureza e logo depois o irado aspecto da mesma:

(2) Veja no tomo 3.<sup>o</sup> do *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva o rico e muito noticioso artigo: *Garcia de Orta*.

O mar que agora brando  
He das Nereidas candidas cortado,  
Logo se irá mostrando  
Todo em crespas escumas empolado:  
O soberbo furor de negro vento  
Fará por toda parte movimento.

— Rasão tem Costa e Silva em asseverar que «nada é mais digno da Ode grega, em toda a sua pureza, do que o exordio da Ode 6.<sup>a</sup>, que o poeta endereçou a D. Manoel de Portugal.»

E com effeito, é verdadeiramente Pindarico este romper do fogoso éstro:

A quem darão de Pindo as moradoras,  
Tão doctas como bellas,  
Florecentes capellas  
De triumphante louro, ou myrto verde;  
Da gloriosa palma, que não perde  
A presunção sublime,  
Nem por força de pezo algum se opprime?  
quem trarão nas faldas delicadas,  
Rosas a rôxa Cloris,  
Conchas a branca Doris;  
Estas, flôres do mar; da terra aquellas,  
Argenteas, ruivas; brancas e amarellas,  
Com danças e corêas  
De formosas Nereidas e Napêas?

A quem farão os Hymnos, Odes, Cantos,  
Em Thebas Amphion,  
Em Lesbos Arion,  
Se não a vós, por quem restituída  
Se vê da Poesia já perdida  
A honra e gloria igual,  
Senhor Dom Manoel de Portugal?

— Na Ode 1.<sup>a</sup> ha uma invocação á Lua, que oxcede o modelo que o poeta portuguez foi buscar na poesia toscana: elegancia de estylo, e acabado de versificação... em tudo leva Camões indisputavel vantagem a Bernardo Tasso, como se vê das confrontações, a que desce Costa e Silva.

Contentemo-nos com os harmoniosos versos de Camões, e ouviremos arrebatadora musica:

Detem um pouco, Musa, o largo pranto  
Que Amor te abre do peito;  
E vestida de rico e ledô manto,  
Demos honra e respeito,  
Aquella, cujo objecto  
Todo o mundo allumia,  
Trocando a noite escura em claro dia.

Ó Delia.....  
.....  
Tu, que de formosissimas estrellas  
Corôas e rodeias  
Tua candida fronte e faces bellas;  
E os campos formosias  
Co'as rosas que semeias,  
Co'as boninas que gera  
O teu celeste humor na primavera.  
etc

— Não devo allongar-me mais na especialidade de que trata este artigo; é tempo de concluir.

Não hesito em inculcar como aceitavel o juizo do critico portuguez; ha pouco citado. Se nas Odes de Camões não se encontram os vôs arrebatados e os rasgos sublimes de Pindaro; se igualmente não pôde Camões competir com o admiravel lyrico romano, — é certo que no brilhante seculo de quinhentos nenhum poeta chegou a aproximar-se do estylo dos antigos, tanto como o cantor do Gama. Ahi ficam registadas algumas estrophes, que de sobejo confirmam esta

ultima apreciação; e se eu não tivesse a peito encerrar-me nos limites de uma timida moderação, atrevera-me a dizer que algumas rivalisam com as melhores de estranhos idiomas.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

#### A RESTAURAÇÃO DO BRAZIL ESCRIPTA PELO GRANDE RACINE

Tambem o grande Jean Racine se occupou de assumptos Portuguezes, e é d'elle o seguinte trecho que passo a traduzir:

Em 1500 descobriram os Portuguezes o Brazil, distante de Guiné cousa de 400 leguas. Pedro Alvares Cabral, almirante do rei de Portugal, tomou posse d'elle, em nome de seu amo, sete annos depois da descoberta do novo mundo por Christovão Colombo. O papa, para manter a paz entre as corôas de Castella e Portugal, mandou que cada um possuísse as terras, que podesse descobrir, tirando uma linha d'um pólo ao outro, que as separasse das ilhas dos Acores, e das de Cabo Verde, na distancia de cem leguas.

Tornaram-se os Castelhanos senhores do Brazil, quando Portugal caio debaixo do poder de Filippe II, e mataram quantos ousaram oppôr resistencia.

Os Hollandezes, no anno 1623, não satisfeitos com fazerem a guerra na Europa ao rei de Hespanha, quizeram tambem fazer-lh'a em o novo mundo. Passaram a linha, e, tendo chegado ao Brazil, apoderaram-se de Pernambuco, do Recife, do Cabo de Santo Agostinho, e, n'uma palavra, de toda a costa, desde o Ceará até á Bahia de Todos os Santos, que sempre se conservou do partido dos Castelhanos. Esta conquista era feita á custa d'alguns particulares, e não do estado. Vendo estes as grandes riquezas, que podiam extrair do Brazil, tanto pela venda do assucar, como pela do pão do Brazil, pediram aos estados licença para estabelecerem uma companhia com poder para nomear officiaes de justiça, de guerra e marinha nas Indias, pelo espaço de trinta annos, passado o qual praso, quantas terras tivessem tomado, ficariam pertencendo aos estados, prestando comtudo a estes a companhia juramento de fidelidade. Foi isto approvado; e d'esta maneira foi estabelecida a Companhia das Indias Occidentaes, em 1624. Formou ella um conselho de directores, em numero de 19, entre os quaes puzeram como honra, o principe d'Orange. Pouco tardou a companhia em estender suas conquistas, e apoderar-se de toda a costa desde a capitania do Ceará até á Bahia de Todos os Santos, isto é, de mais de trezentas leguas de costa. Estabeleceram os Hollandezes um conselho politico, que residia no Recife, e que decidia, como soberano, de todos os negocios. Exigiam grandes tributos dos Portuguezes, seus vassallos, que trabalhavam na fabrica do assucar, descendentes dos primeiros Portuguezes que descobriram o Brazil, aos quaes, com medo de alguma revolta, tinham tirado todas as armas de fogo.

Em 1641 a Bahia de Todos os Santos seguiu a revolução de Portugal: os Castelhanos foram d'elle expulsos, e ahi se reconheceu D. João IV. Deu o governo parte d'esta mudança aos Hollandezes, no Recife, com promessas de viver em harmonia com elles. Ficaram os Hollandezes contentes com a perda, que soffria Hespanha, e, neste mesmo

anno, fizeram um tratado de treguas por dez annos com os Portuguezes; e a Companhia das Indias quiz que o Brazil fosse comprehendido neste tratado. Apenas assignado, mandaram navios ao Brazil, que, em vez de se dirigirem em directura ao Recife, para fazerem ali publicar as treguas, fizeram-se á vela para Guiné (maio de 1642), e se apoderaram de Angola, Loanda, e de quasi todas as outras possessões Portuguezas. Gritaram os Portuguezes contra a má fé dos Hollandezes, e, vendo que se lhes não fazia justiça, resolveram vingar-se na primeira occasião.

Começou o vice-rei da Bahia de Todos os Santos a exhortar os da sua nação, que estavam no Recife, Pernambuco, e nos outros lugares do dominio dos Hollandezes. Com especialidade moveu a João Fernandes Vieira, Portuguez, que de simples moço de carneiro, tendo-se posto ao serviço dos Hollandezes, tinha enriquecido immenso, possuindo grande numero de escravos debaixo do seu dominio, os quaes obrigava a trabalhar nos engenhos e manufacturas, que lhe pertenciam. Este homem, dotado de grande talento, conspirou com os da sua nação para sacudirem o jugo dos Hollandezes. Estas tenções conservaram por muito tempo os Portuguezes, sem que em cousa alguma as revelassem. Pelo contrario, lisongeavam os Hollandezes mais do que nunca, com uma completa submissão, pedindo-lhes de proposito grandes sommas emprestadas, e comprando por alto preço todas as cousas, que os Hollandezes lhes vendiam, como carnes e aguas-ardentes. Em summa, andaram tão bem, que persuadiram os Hollandezes a venderem-lhes, por bom dinheiro, armas para se defenderem, diziam elles, contra Tapuyas e Brasileiros, que os odiavam naturalmente porque n'outro tempo tinham nos Portuguezes tratado com muita dureza. Deixaram-se os Hollandezes illudir por tão bellas palavras, e sobre tudo pelos artificios de Vieira, que se tornava muito necessario á companhia pela sua intelligencia no commercio, e pelos grandes serviços, que lhe prestava. Por fim, achando-se tudo preparado, e tendo os Portuguezes combinado no dia, em que deviam fazer arrebentar a conspiração, e assassinar os chefes do conselho, tiveram os Hollandezes avisos de diversas partes, e mandaram guardas para prenderem Vieira, que, tendo se salvado nos sertões, reuniu em volta de si grande numero de Portuguezes, e assenhoreou-se de alguns lugares, que estavam em estado de se defenderem. Os Hollandezes, que não esperavam esta revolta, e que, pelo contrario, para pouparem despezas, tinham remettido para Hollanda a melhor parte de suas guarnições, com os officiaes e o conde de Nassau, se acharam muito embaraçados. Mandaram á Bahia queixarem-se ao vice-rei da revolta dos da sua nação. Este, fingindo desapproval-a, mandou um alto navio com 1:200 homens, que saltaram em terra, e se uniram aos revoltosos. O forte de Santo Agostinho foi-lhes entregue por dinheiro, tomaram tambem Pernambuco, e quasi que não restava senão o Recife, que elles cercaram. Os Hollandezes, tendo poucos viveres, mandaram levar estas tristes noticias á Haza, e pedir soccorro.

(Continua)

M. BERNARDES BRANCO.

A humildade é a verdadeira prova das virtudes christãs: sem ella conservamos todos os de-

feitos, que são unicamente encobertos pelo orgulho que os occulta aos outros e muitas vezes a nós mesmos.

LA ROCHEFOUCAULD.

Nós andamos no mundo como iniciados: de provas em provas.

## SÓ

Deixai-me solitario  
Vagar por entre as flores,  
E conversar de amores  
Com os sons da viração:

Deixai-me! Este murmurio  
Dó val, que sauda a aurora,  
Só posso ouvil-o agora  
Na paz da solidão!

Aqui palpita o jubilo,  
Aqui tudo é belleza;  
De toda a natureza  
Nem um gemido vem:

Mal a bafagem tepida  
Enruga, levemente,  
As aguas da corrente  
Que vai passando além!

Retine o ar aos canticos  
Que a selva densa espira,  
Resoa a immensa lyra  
Chamada a criação;

E o céu, chovendo as perolas,  
Que a mão de Deus lhe dá,  
Sorri-se á primavera,  
Infloresce a solidão!

Eil-a, graciosa ostenta-se!  
Eil-a, que é toda encanto!...  
Dezerto ameno e santo,  
Como eu resurjo em ti!

Do teu regaço esplendido  
Ergue-se o meu passado:  
Anjinho enamorado  
Que folga, e que sorri.

Deixai-me solitario  
Vagar por entre as flores,  
E conversar de amores  
Com os sons da viração.

Deixai-me! Este murmurio  
Do val, que sauda a aurora,  
Só posso ouvil-o agora  
Na paz da solidão.

Ave que um dia, timida  
Carpio, sósinha e presa,  
Refoge da tristeza,  
Nos largos vãos seus:

Assim minh'alma alonga-se,  
E busca lar mais puro  
No monte agreste e duro  
Que aponta o azul dos céos!

E. A. VIDAL

## OS PETITS MAITRES ROMANOS

Para tornarem a pelle bonita e macia, os elegantes de Roma esfregavam a cara com pão diluido em leite de jumenta.

Typ. Franco-Portugueza — Rua do Thesouro Velho n.º 6.